

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzendário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.ª JÚLIO HILÁRIO VAZ



Redacção e Administração, Interina: Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA



Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO VI

MELGAÇO, 15 de Setembro de 1951

AVISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 6

MELGAÇO EM FESTA

AINDA A VISITA DA VIRGEM PEREGRINA



A SENHORA, ENTRE FLORES, SORRI E ABENÇOA



O SNR. D. DOMINGOS SENTE-SE EMOCIONADO PERANTE O ESPECTÁCULO

Penso saudá a VIRGEM PEREGRINA

I

A nossa terra, Senhora,
Canta alegre, agradecida,
Para receber a visita
Da vossa imagem querida.

II

Tudo vos damos, Senhora,
Em troca de tanto favor,
Que tudo é pouco p'ra honrar
A excelsa Mãe do amor.

III

Sede bemdita, Senhora,
Não há amor igual ao teu,
Vindes buscar vossos filhos
Para os caminhos do Céu.

IV

As nossas ddividas são beijos,
Que vos acompanham e falam.
As prendas que mais Vos agradam
Os corações que Vos amam.

V

Por este cantinho da terra,
Como fazeis por todo o mundo,
Deixai as bênçãos e graças
Do Vosso amor profundo.

VI

E, quando voltardes para o Céu,
Disseis contente ao Senhor
Que comece a hora da paz
Na terra que deixaste melhor.

VII

Senhora de Fátima bemdita,
Nosso bem e nosso encanto!
Ideis encontrar no caminho
Muita dor e muito pranto.

VIII

Divinal peregrina, nossa doce esperança,
Sois a bonança que a todos acalma,
Remédio e cura para as doenças do corpo,
Luz e graça para as doenças da alma.

IX

Aceitai, Senhora, estas flores.
Oh! flor do Céu sem igual!
Tem a cor da pureza a brancura,
Como o Vosso coração virginal.

X

Humilde preito, singela oferta,
Que não tem outra significação,
Que uma lembrança deste bom povo
Do seu amor e gratidão.

Por Penso

No dia 27 às 18 h. em trou solenemente no concelho de Melgaço N.ª S.ª de Fátima, que veio visitar este bom e simples povo. Penso como a primeira freguesia do concelho recebeu-A com o maior entusiasmo dedicando-Lhe uma cerimónia simples, mas cheia de carinho e amor. Quando a Senhora se aproximou duas filas de meninas vestidas de branco lançaram-Lhe inúmeras pétalas de flores, ao mesmo tempo que quatro criancinhas saltaram pom binhas e 2 acompanharam N. Senhora.

A imagem foi recebida pelo Rev.º Arcipreste de Melgaço fazendo uma alocução cheia de entusiasmo ditada pelo seu grande zelo apostólico. Em seguida, uma menina de oito anos recitou uns lindos versos da autoria do Rev.º Pároco desta freguesia. Ao mesmo tempo outra menina depunha aos pés da Virgem um lin

(Continua na 3.ª pág.)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Da Vila

SETEMBRO, 11.

Avenida à periferia — Principiaram já os trabalhos para a transformação e embelezamento da Avenida à volta desta Vila, os quais foram adjudicados ao sr. Manuel Alves Salgueiro.

Por princípio, e porque também pertencemos ao número dos verdadeiros amigos da nossa terra, achamos sempre muito bem e louvamos tudo quanto se faça para embelezar ou beneficiar este querido torrão que nos viu nascer e criar e que tanto amamos — Melgaço. Simplesmente... talvez pelo muito amor que temos a esta linda terra, também nós achamos que se tem feito pouco, muito pouco; e, há tanto que fazer!... Exagero?... Não. Antes o fora... Vejamos o que nos faz falta, muita falta:

1.º — Pavimentar devidamente todas as artérias de intra-muros desta vila que no estado em que se encontram mais parecem caminhos de aldeia sertaneja do que ruas duma vila civilizada.

2.º — Solucionar o problema da quingosta que da Calçada vai para a Fonte Velha, de modo a que ali se não pratiquem as «inconveniências» que se vem praticando.

3.º — Nomear um guarda para as sentinas públicas desta Vila ou estudar qualquer outro meio que evite a que nas mesmas se pratiquem as tais «inconveniências» fora do respectivo local.

4.º — Construir uma fossa-vazadoiro para o lixo da Vila, afastada da mesma e com as devidas condições que os mais elementares princípios da higiene requerem.

5.º — Adquirir uma viatura hipo ou motorizada para o transporte das carnes do matadouro para os respectivos talhos, porque a condução das mesmas se vem fazendo como há cincoenta anos — em precárias condições de higiene e de decência.

6.º — Reparar urgentemente a capela do cemitério que anda ruína, porque os mortos são credores do nosso respeito e aquele campo santo, se não produz, pode produzir receia que lhe permita andar num brinquinho.

7.º — Arranjar um local onde decentemente se possa realizar a feira do gado.

8.º — Construir um campo de jogos onde a mocidade concelhia possa praticar várias modalidades desportivas, muito especialmente o futebol, sabido como é que este desporto é o melhor cartaz turístico duma terra.

9.º — Construir um fontenário-lavadouro-bebedouro no lugar mais populoso da freguesia — em Galvão — porque a fonte dos Esparizes, além de estar muito afastada, é mais um mictório do que uma fonte. Este problema não é impossível, nem mesmo difícil. A captação da água já está feita; basta encaná-la desde o campo do «Ribeiro» ao Largo dos Sobreiros, onde o sr. Arlindo Cândido Pinto, certa e gratuitamente, cederá o terreno para a construção do fontenário, pelas águas sobrantes, já se vê.

E 10.º — Concertar os caminhos: desta Vila à Pigarra; das Carvalhiças, à Ponte Pedrinha e de Galvão às Várzeas; que, se não estão completamente, estão quasi intransitáveis.

Resolvidos estes dez «bicos de obra», que nos fazem lembrar os dez mandamentos da *Lei de Deus*, ficam todos os «senões» da nossa Vila, senão completamente satisfeitos, pelo menos, muito remediados. As outras freguesias que pegam para si, pois «quem quer a sardinha... achega-lhe a brazinha».

É muito?... É pouco?...

É só o que está por fazer e o que muita falta nos faz.

Missa Nova de Frei Adriano — Poucas missas novas se terão revestido de tanto brilho e terão sido tão con-

Parada do Monte, 7

Jornada de fé. — Jornada de fé e de piedade foi a que o povo de Parada do Monte fez à Vila de Melgaço no dia 27 e 28 de Agosto findo. Sim! Pois já no dia 27 foi muita gente desta freguesia ao encontro da Virgem peregrina de Fátima. Já no dia 27 foram muitas pessoas as que se incorporaram na procissão de Prado à Vila. No dia 28 foram muitas centenas de pessoas, velhos e novos, homens e mulheres, que se incorporaram no Clamor, em honra da Virgem peregrina de Fátima. Foram muitas centenas de pessoas que comungaram nesse dia. Oxalá que a Virgem peregrina, nossa mãe Santíssima lance sobre nós o seu divino manto. No adeus à Virgem, vimos muitas pessoas com lágrimas, lágrimas de saudade, lágrimas de arrependimento, lágrimas de amor.

Viva a Virgem peregrina de Fátima Padroeira de Portugal! — C.

Paderne, 30

Festa em honra de S. Roque. — No passado dia 19 realizou-se na capelinha de Gólfes a festa em honra do Glorioso S. Roque, a qual constou de missa solene, sermão pelo orador sagrado P.º Bernardo Pintor, e procissão.

Foi abrilhantada pela Banda dos Bombeiros Voluntários desta Vila e potentes alto-falantes de S. António-Riba de Mouro.

Chegadas: — Acompanhado de sua virtuosa esposa e queridos filhinhos tivemos o prazer de abraçar o nosso distinguido amigo e assinante Sr. Manuel dos Anjos Esteves — G. N. R. em Tangil.

Também com sua Ex.ª esposa tivemos o prazer de cumprimentar o Sr. Capitão Pina, que há dezoito anos ininterruptamente frequenta as nossas águas medicinais e termais do Pese.

Que a sua estadia cá lhe seja próspera são os votos sinceros do

C.

corridas como a de Frei Adriano José da Costa, O. F., realizada qui em 6 do mês findo.

O ilustre religioso foi levado de casa de seu pai em luzida procissão, na qual se incorporaram bandeiras, a banda dos B. V. de Melgaço e uma enorme multidão, para o antigo convento Franciscano das Carvalhiças, onde o reo-sacerdote, tendo como presbítero assistente o rev. sr. P.e Justino Domingues, zeloso Abade desta Vila, e como diácono e sobdiácono dois frades do convento de Montariol, celebrou a sua primeira missa.

Serviram às primeiras lavandas seu pai, sr. Adriano da Costa, e seus irmãos, srs. José Adriano e Fabiano de Jesus da Costa, e às segundas os srs. drs. Rocha, Júlio Esteves e Augusto César Esteves.

(Continua na 3.ª página)

SOCIEDADE

Aniversários — Fazem anos: no dia 17 a s.ra D. Maria Leonor da Mota Solheiro; no dia 19 o sr. Amândio Lopes de Sousa Cardoso; no dia 20 o sr. Manuel Augusto Lourenço; no dia 24 os srs. Adriano Alves e Henrique Augusto Beirardes; no dia 25 a s.ra D. Maria Angelina Solheiro; no dia 28 o sr. Oceano Gomes de Sousa, e a menina Maria Teresa Solheiro de Barros Henriques e os meninos António Gonçalves Merim e José António Ribeiro Domingues; e no dia 30 o sr. Evaristo Domingues.

Notas pessoais — Com 'sua esposa e filhinhas, regressou a França o sr. Américo Inácio Merim.

Também com sua esposa e filhinhos, partiu para a mesma Nação o nosso inestimável amigo sr. António de Jesus Merim, distinto marceneiro desta Vila. A todos desejamos muito boa viagem e as maiores felicidades.

De visita a seu querido pai, sr. Sebastião de Araújo, esteve nesta vila a s.ra D. Ana de Araújo, de Lisboa.

Vindo de Braga, encontra-se aqui o sr. António Augusto de Barros, muito digno ajudante de notário daquela cidade.

Também aqui está, vindo da mesma cidade, o nosso ilustre Director, rev. sr. P.e Júlio Hilarião Vaz.

Está entre nós o nosso particular amigo e assinante sr. Mário Augusto Feliciano, de Lisboa.

Com sua Ex.ª esposa e filhos, está nos Esparizes, de visita a sua virtuosa mãe, o sr. Gaspar Octávio Passos de Almeida, da Capital.

Com sua virtuosa esposa e filhinhos, regressou ao seu amado o nosso querido amigo sr. Arlindo Cândido Pinto, digníssimo chefe da Central Eléctrica do Ameal.

Também regressaram a Lisboa o sr. engenheiro Vendrell de Barros Henriques, sua esposa e gentil filhinha.

Igualmente regressaram à Capital o sr. Manuel da Mota Solheiro e sua Ex.ª esposa.

Dr. Elisto Pimenta — Tomou posse do cargo de Conservador do Registo Predial de Braga, para onde foi transferido de Monção, o sr. dr. Elisto de Oliveira Alves Pimenta, deputado da Nação, e ex-presidente da Câmara Municipal deste concelho.

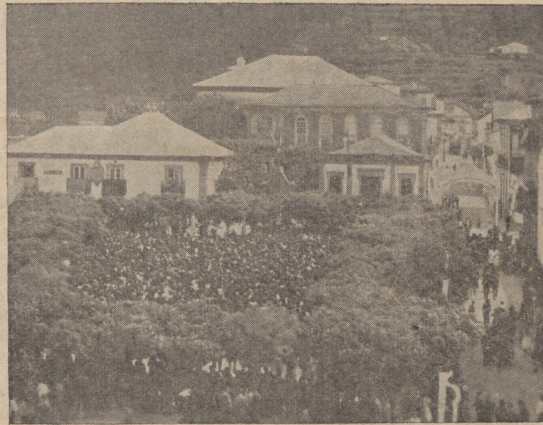
A posse foi-lhe conferida pelo sr. dr. Miguel Braga, Conservador do Registo Civil, servindo de juiz de Direito, e a ela assistiu todo o pessoal do foro da referida cidade.

«A Voz de Melgaço» deseja ao novo conservador as maiores venturas.

Pie Armando Tito Domingues — Por notícias recebidas, sabemos ter embarcado em 5 do corrente do Rio de Janeiro para Portugal, onde se vão fixar de vez, o nosso querido amigo rev. sr. P.e Armando Tito Domingues, a quem desejamos a melhor viagem e muito boas-vindas.



QUANTOS ÉRAMOS? 15.000? ERA O CONCELHO INTEIRO
E ISSO NOS BASTA!



ERA ASSIM DENSA, COMO COLMEIA, A GENTE QUE CHEGAVA

A VISITA da Virgem Peregrina

Da Vila

(Continuação da 2.ª página)

Fez o sermão o rev. Fr. José Luiz Pereira de Mesquita, O. F.

No final, teve lugar a comvente cerimónia do beija-mão, sendo seu velho pai a primeira pessoa a beijar-lha.

Havia lágrimas em todos os rostos e aquele convento, se bem que amplo, foi pequeno para conter todo o povo que quis associar-se à Festa do ilustre sacerdote. Ficou satisfeito um grande desejo e cumprida uma verdadeira vocação.

E que...

— Que é que tu queres ser Adrianinho?

A todos, invariavelmente, respondia:

— Quero ser padre!

E foi padre. Padre e religioso.

Ao novo servo de Deus — porque, por motivos de saúde, não podemos assistir à sua missa-nova, como era nosso grande desejo — beijamos respeitosamente a mão e pedimos para que nas suas orações não esqueça o humilde autor destas linhas.

Desastre mortal — Quando na tarde do pretérito dia 25, Timóteo Alves de Melo, das Carvalhiças, procedia à caiação dum prédio pertencente à sr.ª Ludovina Gonçalves, sito à Travessa da Lage, desastrosamente tocou nos fios da iluminação, morrendo electrocutado.

Conduzido imediatamente ao Hospital da Misericórdia, ali só lhe puderam verificar o óbito.

Deixa viúva e uma filhinha de tenra idade na orfanidade.

Porque era um elemento trabalhador e muito honrado, a sua morte foi sentidíssima.

Paz à sua alma.

Mercado semanal — Foi bastante concorrido o mercado semanal de 8 do corrente. Eis alguns preços do mesmo:

Milho, meio decalitro, 11\$00; centejo, idem, 9\$00; feijão rajado, idem, 12\$00; feijão moleiro, idem, 8\$00; batatas, quilo, 1\$00; cebolas, idem, 1\$00; galos, galinhas e frangos, a partir de 25, 20 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos, dúzia, 11\$00 e sardinhas, idem, 4\$00.

Também havia muitas hortaliças e frutas, a preços razoáveis — excepto os melões que se vendiam a 5\$00 o quilo.

Abastecimento público — Continua a sentir-se a escassez do azeite, o que causa grandes transtornos; é certo que já chegaram umas gotas de óleo de mendobi, mas... não é a mesma coisa.

O tempo e a agricultura — Com uns dias soalheiros e outros sombrios, assim vem decorrendo o tempo. Nem bom nem mau para os campos. Regular.

A colheita de centejo foi boa e a de batatas melhor. Os vinhedos, sem estarem bons, também não estão maus.

Bons estão feijões e ótimos os milhos; mas tudo muito atrasado em seu estado de maturação. Era, pois, preciso sol, muito sol, porque

O S. Miguel soalheiro, enche o ceteiro.

Alvaredo, 30

Falecimento — No passado dia 22 e confortado com os Sacramentos da Santa Igreja faleceu na sua residência, o professor oficial aposentado Sr. Manuel Esteves Lira, de 73 anos de idade.

O seu funeral demonstrou bem quanto o extinto era querido pois nele se incorporaram, além de algumas centenas de pessoas de todas as camadas sociais, as irmandades de Alvaredo, Penso e do SS. Coação de Jesus. Uma dezena de Rev. dos Padres acompanharam-no até à igreja paroquial e após a missa e officio de corpo presente foi depositada a urna em jazigo de família.

Para pegar às borlas foram constituídos 3 turnos os quais se computaram:

1.º Professor Manuel de Pinho Gonçalves, Vice-Presidente da Câmara Municipal, Tenente Fernando José Lopes, Luís de Abreu, Presidente da Junta de Freguesia e Armando de Magalhães.

2.º José Evangelista Pereira, Gregório Ferreira, Miguel dos Anjos Silva e António José Gonçalves, de Gollães.

3.º Alvaro Francisco Rodrigues, Cândido Bosteiro, Aurélio Rodrigues e Joaquim Bosteiro.

A chave da urna foi conduzida por seu amigo particular Sr. Valeriano Guimarães Bessa.

Tríduo pelo Rev. Cônego Apolindro Rodrigues Rios — Mais uma vez tivemos o prazer de ouvir a palavra deste orador sagrado desde o dia 22 a 27. A igreja era pequena para tantos fiéis.

A preparação para receber N. Senhora de Fátima foi grande, motivo porque à sua passagem nesta

Gri... Gri... Gri

Em vez de 8 são 9?

Agradeço as elogiosas referências que o ilustre correspondente da Gave teve a amabilidade de dirigir à minha diminuta competência jornalística, e fez bem em chamar a minha atenção para a falta que involuntariamente cometi em não mencionar a freguesia da Gave, como é de inteira justiça, entre as infelizes que só de longe vêem as estradas.

Concordo em absoluto com que os ventos presentemente não são dos mais favoráveis, mas, com a lembrança de que, se a perfécia do timoneiro tem algum valor, é quando sabe dirigir a barca na hora do perigo, com cautela, assim, mas para a frente é o caminho, que *post pluviam Sol lucet*.

E agora reparo eu:

Em vez de 8 são 9, isto é metade das igrejas do concelho que se encontram em tal situação. Isto, se longe da nossa terra se contar, certamente ninguém nos acreditará, visto estarmos no século XX, quando ninguém se conformaria com o atraso em que Melgaço presentemente se encontra. E não é porque tudo seja entulho, não.

Tornam-se dignos de elogios pela sua competência, uns nas ciências, outros na indústria, estes

no comércio, aqueles ainda pela sua abnegação, trabalhando em benefício do seu semelhante...

Que contentamento sinto ao ver em diversas montanhas exposto o famoso chocolate do Carabel de Melgaço, que rivaliza com o das melhores fábricas nacionais, e por vezes a lado, o presunto de Melgaço que iguala, se não excede o de Lamego!

De grande coragem e valentia têm dado sobejas provas, na hora do perigo, os nossos «Bombeiros Voluntários» cujos feitos até o estrangeiro galardou.

Sinto grande prazer, quando oiço as agradáveis e justas referências aos hotéis «Banhada», «Boa

(Continua na 4.ª pág.)

Por Penso

(Continuação da 1.ª pág.)

do ramo de cravos brancos e um pequeno donativo em ouro. Encerrou esta comvente cerimónia o Digno Bispo Coadj. da Guarda, incitando-nos a prestar as devidas homenagens à Mãe de Deus, feitas em Melgaço, segundo o exemplo dos demais concelhos por onde Ela tinha passado.

Inúmeras pessoas desta freguesia assistiram às cerimónias em honra de N.ª Senhora nos dias 27 e 28.

— Encontram-se em goso de férias várias pessoas vindas de Lisboa.

freguesia o delírio foi extremo. Não havia olhos em que se não vissem lágrimas.

Parabéns ao Rev. P.º Barros, pois tão bem soube levar as coisas a cabo. — C.

É RIQUEZA NACIONAL o salmão do rio Minho

11

Referimo-nos no artigo precedente ao caso alarmante de uma riqueza que vai desaparecendo, de ano para ano, desaparcamento motivado por duas causas remediáveis: *a incúria de uns e a maldade de outros.*

Embora se diga ser o rio Minho o único rio português onde o salmão se dá, a verdade é que — rezam os velhos das margens do Lima e Cávado — outrora também nestes rios havia o delicioso e elegante peixe. Talvez desgarrado, há dois anos, na casa da Fonte Velha, na Ponte da Barca, do nosso Ex.mo Amigo e illustre fidalgo Dr. António Pereira de Lacerda, appareceu numpo marginal um salmão para ali arremessado pela enchente das águas.

O salmão fogia destes rios e a fuga deve-se indubitavelmente ás albufeiras, aos diques e ás represas/intransponíveis e aos desejos de povoações e de estabelecimentos.

Os rios Lima e Cávado soffreram imenso com o grande aproveitamento hidro-eléctrico que deles se fez. Ganhou-se uma maior riqueza, mais vantajosa à Nação, incomparavelmente, e perdeu-se a riqueza piscícola.

O rio Minho, felizmente, está reservado a ser esse centro inaravilhoso de riqueza, porque não o maltrataram como maltrataram o Lima e o Cávado. Apesar de ser um rio privilegiado, não tem sido uma fonte de riqueza, o que se deve a algumas causas de fácil solução.

O «Século» cuja autoridade citamos no artigo precedente, enumera-as desta forma:

«Usam-se artes de pescar absolutamente impróprias, quando o anzol devia ser o instrumento de morte permitido, se não em absoluto, pelo menos em tais proporções e latitude que aos outros não ficassem as liberdades de aplicação de que desfrutam hoje.

As novas gerações descem, confiadas, dos peuenos regatos e cristalinos fios de água, onde nasceram e iniciaram o seu lento desenvolvimento. Chegadas ao estuário do rio, o mais propício da Península, dada a sua situação geográfica e a temperatura das suas águas para a reprodução, os peixes adolescentes estacionam para fazer, durante um certo período, a sua adaptação à água oceânica, na qual se engolfarão, dentro em pouco, para regressarem entre dois e quatro anos depois. É nessa ocasião que se praticam as famosas chacinhas. Os pescadores da costa portuguesa, como os da costa galega, caem sobre os aglomerados de salmões novos em estágio e dizem-nos com uma inconsciência e uma ferocidade inauditas.

«Acrescentem-se a este barbarismo revoltante, que factos averiguados e as devastações verificadas não têm sido suficientes para aconselhar os que o praticam a mudar de processos de exploração das águas ao seu alcance, as dificuldades, sempre crescentes, que os peixes adultos encontram para poderem subir o curso do rio e atingir os sitios onde nasceram e voltam para fazer a sua desova; a poluição das águas, operada pelos detritos de fábricas e esgotos urbanos, e poder-se-á fazer sem esforço uma ideia aproximada das causas determinantes do despoamento das águas fronteiriças e interiores e das consequências desgraçadas que tal circunstância acarreta. Isto, é claro, sem falar na pesca por meio de explosivos violentíssimos, como a dinamite, e do uso de venenos, como o sulfato de cobre, que extinguem toda a vida aquática onde quer que caem.»

Não tem sido o Minho nos últimos anos rio prodigo de salmão.

Porquê?

Recordamo-nos de que nos últimos anos, com excepção do que decorre, em virtude da escassês de chuvas, o rio já muito baixo de águas. Isto proporcionou em grande escala e facilitou excessivamente a pesca do salmão, bem como a do sável e a da lampreia, à rede. Porque o peixe não tinha a defesa das águas volubomas e caudalosas nem a possibilidade da fuga, foi duramente causticado pelos pescadores. Dizim-nos-se o peixe impedosamente.

O ano que decorre em virtude das chuvas copiosas foi a melhor defesa do peixe tão duramente maltratado. Mas que pena o salmão do Minho contar, somente, para sua defesa e para nossa riqueza, com a defesa das águas...

S. Paio, 10

S. Paio luta pela Casa da Escola há muito tempo. E assim, baseados neste princípio, clamaremos incessantemente por aquilo de que mais precisamos e de que não prescindimos.

Presumimos ninguém ignorar que esta vasta freguesia pertence a Melgaço e que nela habitam e trabalham portugueses dignos e nobres de sentimentos e religião, tão bairristas e nacionalistas como os demais.

O nosso povo lamenta constantemente a falta da Escola, onde os vindouros possam ser ensinados convenientemente sem soffrem as intempéries do tempo que, às vezes, lhes causa doenças. Há bastantes anos, no tempo em que era presidente da Junta de Freguesia o sr. Aurélio Costa, organizou-se uma comissão que, percorrendo a freguesia, juntou algumas centenas de escudos para a compra do terreno onde devia ser erguida a Escola do Plano dos Centenários. Depois, havendo eleições, foi eleita nova Junta de Freguesia da presidência do sr. Manuel José Alves Salgueira, passando o seu mandato sem nada se fazer em relação à escola. E em 15 de Outubro do ano passado, foi reeleita a mesma Junta de Freguesia por mais um quadriénio. Ora como na nossa correspondência de 24 de Outubro de 1950, publicada em «A Voz de Melgaço» de 1 de Novembro do mesmo ano, pediam-se à Junta de Freguesia onde é que se encontrava o dinheiro que os chefes de família deram para a compra do terreno da Casa da Escola e até esta data ainda não fomos informados pela mesma entidade, perguntamos, novamente, à Ex.ma Junta de Freguesia onde se encontra esse dinheiro. Vamos citar apenas alguns chefes de família que contribuíram netariamente para a compra do terreno, dentro dos quais se acha um nosso tio. Ei los:

Abraão Alves, da Costa, 20\$00; Manuel Rodrigues, comerciante, da Carpinteira, 20\$00; José Augusto Colmeiro, da Carpinteira, 20\$00 e Manuel José Gomes, da Carpinteira, 20\$00... Alguns anos são passados já desde que se fez o peditiório. Infelizmente ainda nada se fez. A quem um dia procurou esclarecer este caso, não responderam. Porque razão, pois, a sra. Junta de

Gri... Gri... Gri

Em vez de 8 são 9

(Continuação da 3.ª pág.)

Vista» e «Rocha» que são hotéis da nossa terra!

Que satisfação vai em minha alma quando leio que a Banda dos Bombeiros de Melgaço, onde quer que se apresente, faz brilhante figura, já pela correcção do seu porte, já pela sua competência artística!

Pena é que os capitalistas não compreendam os sacrifícios de cerca de 30 homens para ela poder apresentar-se da forma que, com muito prazer, podemos apreciá-la!

Em qualquer outra terra de capitalistas illustres (isto sem ofensa) já ela teria reforma de instrumentos e fardamentos e até uma camionete, como outras mais felizes têm, para mais facilmente poder deslocar-se. Em Melgaço é o que se vê. Se não fosse o grande bairrismo do seu digno Regente e componentes, já ela teria morrido.

Pouca gente avalia o sacrifício desses pequenos heróis, quando em noites sem lua, mas com frio e chuva, no Inverno têm de pôr o corpo às balas, ca-

minhando para o ensaio e no Verão, quantas vezes não dando a receita para a despesa.

E' o grande amor pela arte a única alavanca que os faz girar.

O que eles não seriam capazes de fazer, se tivessem a impelli os uma diminutissima parcela das fortunas eléctricas que abundam no nosso concelho?!

Vamos, senhores, mostrem que não são excessivamente egoístas e que, de tal forma, essas fortunas concorrem em parte, para o engrandecimento da terra que tão liberalmente lhes proporcionou o ensejo de as adquirir!

Porque a Ex.ma Câmara e Turismo não envidam os esforços possíveis no sentido de haver uns certos no Peso durante a época termal e em determinados dias na vila, como em tempos já aqui se fez, e noutras terras se faz? (Mas não por um muito obrigado).

Vamos, que tudo isso concorre, em certo modo, para o engrandecimento da nossa terra!

Grilo

Pote de alambique

Em estado de novo, compra

«A LOJA DOS PEREIRAS»

Alugam-se livros NA BIBLIOTECA

— DO —

«Diário do Minho»

Loduvina Martins DENTISTA

Consultas em Monção,
todas as sextas e
sábados

Freguesia não diz onde está esse dinheiro? Avante, pois, pelo progresso da freguesia, enaltecendo assim o nobre lema do Estado Novo.

NOVIDADES

— Casaram José Augusto Alves com Filomena Esteves, das Baratas.

— No passado dia 28 de Agosto, faleceu a sra. Maria José (Flores), da Gaia.

— Em 30 do pretérito mês, regressou do Gerez o sr. P.e Manuel Joaquim Domingues, da Carpinteira

— No passado dia 2, de tarde, chegaram ao lugar da Costa a sra. Augusta de Freitas e sua prezada filha Aurora.

— Os caminhos desta freguesia estão num estado lastimoso, quase intrançáveis.

— Os 200 metros quadrados do terreno baldio do «Coto da Carpinteira» foram vendidos pela Junta de Freguesia pela importância de 700\$00.—C.

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
F. e J. HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, Interins: Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO VI

MELGAÇO, 1 de Setembro de 1951

AVISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 6

N. Senhora de Fátima em Melgaço

Mais de 3.500 comunhões

Multidão nunca vista enche as ruas

AOS LEITORES

Para incluirmos a reportagem da visita de N. S.ª de Fátima, publicamos este número com bastante atraso, do que pedimos desculpa.

Pelas 19 horas do dia 27 chegou a Penso a Veneranda Imagem da Virgem Peregrina, precedida de longo séquito de carros e acompanhada pelo Sr. Presidente da Câmara de Monsão e Rev. Arcipreste e Senhor Bispo Coadjutor da Guarda. Em Penso o Sr. Presidente da Câmara fez a entrega da Veneranda Imagem ao Rev. Arcipreste de Melgaço, P.º Carlos Vaz que, em nome do povo, saudou a Senhora.

Uma criancinha de Penso saudou com muita unção a Senhora, e Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Domingos, Venerando Bispo Coadjutor da Guarda, saudou o povo dessa freguesia que em massa ali ocorreu em volta do seu querido Pároco.

Fez-se a seguir o desfile para a freguesia de Alvarado.

O Sr. Cônego Apolinário, o Sr. P.º Barros, dinâmico Pároco desta freguesia, com os seus 5 seminaristas e todo o povo fazem também uma recepção grandiosa à Veneranda Imagem.

O Sr. Bispo respondeu, saudando o povo e dizendo-lhe a grande graça que ali passava. E passados os 10 minutos, seguiu-se para o Peso.

Nas Fontainhas, muito povo da freguesia de Paderne com o seu estimado Prior à frente.

Grande manifestação a Nossa Senhora, que o Sr. Bispo agradeceu.

No Peso a Senhora passou lentamente, sendo aclamada por todos. E chega-se a Prado onde se organizou o cortejo, sendo a Veneranda Imagem conduzida por vários turnos, sendo o 1.º constituído pelas Autoridades da freguesia

com o Sr. Secretário da Câmara, até aos limites da freguesia. Ali se encontrava grande multidão de crentes de S. Paio, Rouças, Remoães, Vila e Chaviães com os seus Párcos e confrarias, e dali veio em procissão, entre cânticos e aclamações, até à Vila.

Espectáculo grandioso. Estrada fora, entre cânticos e vivas, o povo, acompanha a Senhora.

As bandeiras, o vestido branco das Cruzadas, as Juventudes com seus estandartes e uniformes, o povo, muitíssimo povo, dominaram a estrada.

A entrada da Veneranda Imagem na Vila, foi indiscutível. Eram já as 20 horas.

E vinham acesas as velas e faróis.

Da ponte de Prado à Vila organizaram-se vários turnos, assim constituídos, que levaram aos ombros a dulcíssima Imagem:

O 1.º turno constituído pelos Srs. Drs. Saavedra, Durães, Varela Seixas e Martinho Branco Cerqueira.

O 2.º turno pelos estudantes: Alípio Gonçalves, Rui Abreu, João Hilário e Matos; o 3.º pelos legionários: Augusto Igrejas, Manuel Felix Igrejas, A. de Sousa e Oceano de S.; o 4.º pelos artistas: Agostinho Vilas, Arlindo Vilas, Armando Malheiro e Augusto Domingues; o 5.º pelos funcionários: Armando Solheiro, José Esteves, Alfredo Barros e Aurélio Barros; o 6.º pelos comerciantes; Artur Teixeira, José Maria Pereira, Adão Marinho e Hilário Gonçalves; o 7.º pela Guarda Fiscal; sargentos Evangelista e Ramos e pelos cabos Celestino Ribeiro e Anibal Veites; o 8.º pelos oficiais do Exér-

cito: capitão Alberto José Luis e pelos tenentes Fernandes Lopes, António Vicente e Jacinto Freitas.

Para as lanternas foram organizados dois grupos, sendo o 1.º constituído pelo engenheiro Sr. Gonçalves da Silva e pelos Srs. Henrique César Esteves, Carlos Lima e Luís Cerqueira e o 2.º pelos Srs. Gaspar Castro, Manuel José Gonçalves Cunha, da Loja Nova, Germano Carabel e Asdrubal Braga, das Finanças.

Praça da República

Muitos milhares de fiéis. Aclamações, vivas, cânticos e, feito silêncio, o Rev. Arcipreste, em nome do Clero e fiéis saudou a Senhora.

Estais em casa! À beirinha da Peneda.

Em Santa Maria da Porta, Senhora da Pastorisa, Senhora da Orada.

Entrai, Senhora!

.....
E vai-se prontamente à refeição para se seguir a

Procissão de Vela

Tanto povo em Melgaço jamais se viu, mas isso tem sua explicação.

No dia 26 teve lugar a Missa Nova de Frei Adriano José da Costa que, pela sua conduta desde sempre foi considerado o anjo de Melgaço.

Nessa altura pregou Fr. José Luís Pereira de Mesquita da Ordem de S. Francisco, que em boa hora foi encarregado de pregar durante uma sema-

na, e de tal forma, que dezenas de pessoas perdessem o medo de entrar na igreja, e, depois de darem o primeiro passo, se sentiram lá bem.

Em serviço de preparação da visita de N. Senhora estiveram aqui também da Ordem Beneditina:

Fr. Miguel Marques, Fr. Paulo de Carvalho e Fr. Lucas Teixeira e 5 sacerdotes dos Arcos.

Todos estes sacerdotes ilustres e o nosso Fr. Adriano, acerca de cuja vocação escreverei oportunamente, foram incansáveis em atender o povo no tribunal da penitência como na distribuição do Pão dos Anjos. Quase todos os sacerdotes passaram a noite na matriz a ouvir confissões.

A procissão das velas produziu um efeito encantador:

Pelas ruas do trajecto não havia uma só casa que não estivesse iluminada e guarnecida com bandeirinhas e muitas delas com riquíssimas colgaduras, havendo até muitas iluminadas, apesar de entre elas e a estrada, haver bastantes dezenas de metros.

Como as ruas se apresentavam tão lindamente ornamentadas!

Não queríamos destacar nenhuma.

Todos nos apresentaram belíssimos motivos.

E aquela coroa feita pelo Sr. Raul.

E aqueles efeitos de luz, que o Torcato, produziu, com a sua técnica!

E aquele deslumbramento da Vila, observado da Orada.

E a riqueza e o gosto da iluminação do Sr. Germano Carabel!

E tantas, tantíssimas

coisas que nos encantaram.

Tudo cumpriu. Todos cumpriram muito bem.

No Orada

Na Orada o espectáculo era arrebatador.

Muitos milhares de fiéis em plena meia noite.

Fora longo o percurso e sempre se cantou e vitou a Virgem Santíssima!

E ninguém estava cansado!

Frente à igreja da Ora da, o Sr. Dr. Clemente Ramos fala ao povo.

O silêncio, o respeito e a atenção eram indescritíveis.

Foi um cântico a N. Senhora aquele silêncio e aquela oração.

E voltamos à vila. Sem pre no mesmo entusiasmo.

E sempre a cantar.

Ali vimos na procissão o Sr. Cônego Apolinário, o Sr. P.º Barros e seminaristas de Alvarado e povo de quase todas as freguesias. Quantos milhares?

Nunca em Melgaço e aquela hora houve homenagem assim à Excelsa Rainha.

Adoração

Na Praça da República, perante milhares de fiéis, procedeu-se depois à adoração solene e oficial, do concelho a Jesus Hóstia.

Era muito, muito o povo — Milhares de fiéis.

Pregou o Sr. Dr. Clemente Ramos e era a 1 da noite, e a seguir a veneranda Imagem foi levada para a Matriz, onde o mesmo Sr. Dr. Clemente Ramos celebrou a primeira missa estando a igreja lita

(Continua na 3ª pág.)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Pela Vila

Dr. Francisco Parreira — Em 4 do corrente, tomou a direcção clínica da Estância do Peso o sr. Dr. Francisco Parreira, médico distintíssimo e dotado das mais preclaras virtudes e competência profissional, aliadas a um carinho e dedicação inextinguíveis no tratamento de seus doentes.

S. Ex.a, veio substituir o sr. Dr. Angelo Moreno, que, com notável proficiência, exercia este cargo interinamente, e acha-se hospedado no conceituado «Grande Hotel Aguas de Melgaço» (Ranhada).

Saudamos efusivamente o sr. Dr. Francisco Parreira e desejamos-lhe as maiores facilidades no desempenho da sua nobre missão.

José Domingues — Acaba de chegar a Penso o nosso estimado amigo e considerado armazenista de bacalhau na Capital sr. José Domingues, sogro do sr. Mário Bento Ranhada.

Muito boas vindas.

- SOCIEDADE -

Aniversários — Fazem anos: hoje as sras. D. Beatriz Ribeiro Lima de Almeida e D. Maria de Lourdes de Carvalho e Castro; no dia 3 a sra. D. Glória Monteiro de Sousa Pinto; no dia 4 a sra. D. Leonor Ribeiro Domingues; no dia 5 os srs. Aduzindo Raúl Gomes de Sousa e P.e Carlos António Salgado Vaz; no dia 9 a sra. D. Leonor de Barros Durães Lima e os srs. prof. António Dâmaso Lopes e P.e Armando Tito Domingues; no dia 10 o sr. Aldomar Rodrigues Soares (Mário); no dia 11, as sras. D. Deolinda do Carmo Esteves Carabel, D. Leolinda da Conceição Solheiro e D. Maria Emília de Barros Durães; no dia 12 a sra. D. Maria dos Anjos Domingues Costa e o sr. Joaquim José Guimarães da Costa; no dia 13 as sras. D. Maria do Carmo Esteves da Cunha e D. Maria das Dores Domingues; e os srs. dr. Alvaro Ribeiro Marinho, Manuel Gonçalves da Cunha e José Joaquim Durães; e no dia 15 os srs. Augusto Hipólito Esteves e Raúl Gomes de Sousa.

Notas pessoais — Em Braga, fizeram exame de Estado na Escola do Magistério do ano lactivo de 1950-51, as prendadas meninas Isabel Guerreiro Ranhada e Maria da Paz Dias de Figueiredo, obtendo, respectivamente, a classificação de 12 e 13 valores.

— Em tratamento hidroterápico, encontra-se no Peso, no «Grande Hotel Aguas de Melgaço» (Ranhada) o rev. Augusto da Costa e Sá, zeloso Abade de Lages de Silgueiros, Viseu.

— Também para o mesmo motivo e no mesmo Hotel, se acham os srs. Joaquim Gomes de Abreu e José de Sousa Júnior e sua esposa, respectivamente, funcionário do Banco de Portugal e funcionário superior da Alfândega do Funchal.

António Francisco de Oliveira — Vindo do Brasil, encontra-se na sua vivenda da Serra, em Prado, o Ex.mo Sr. António Francisco de Oliveira, importante capitalista e proprietário.

Muito boas vindas.

Parada do Monte, 23

Nascimento — No dia 11 deu à luz uma criança do sexo masculino a sra. Maria Rodrigues, esposa do sr. Francisco Rodrigues, do lugar da Trigueira.

Festividade — Realizou-se no dia 17 de Agosto a festa em honra do glorioso mártir S. Mamde, padroeiro desta freguesia. A esta foi abrilhantada pela Banda da Comissão de Riba de Mouro, e pelo Grupo Gaiteiros de Parada, sendo pregador o sr. P.e Bernardo, de Riba de Mouro, que muito agradou, saindo no final uma imponente procissão.

Agricultura — Está-se procedendo às malhadas do centeio, que este ano são de bom rendimento. Os milharais também se encontram bons de palha, principalmente, mas a espiga está muito atrasada. Queriam muito calor que é o que falta. Os batatais também estão bons, mas os últimos neveiros quei maram-nos.

Vinhedos — Há qualidades de videiras que tem muito vinho, principalmente a de enxertia. O espadeiro tem muito pouco. E como aqui o vinho é quase só espadeiro, este ano terem um ano falho. — C.

S. Paio, 22

A Junta desta freguesia vendeu 200 metros quadrados do baldio, denominada do «Coto da Carpinteira», ao sr. Joaquim Domingues.

— O projecto de Abastecimento de água à Carpinteira tem o número 8494, sendo anotado na Assistência Técnica em 19.9.941. Pede-se à Junta de Freguesia para se interessar por este assunto.

— De visita à sua família, chegou ao lugar da Costa o sr. Joaquim Gonçalves, marido da sra. Teresa Afonso.

— Também cumprimentamos o sr. Ricardo Rebe

(Continua na 4.a pág.)

PRADO, 25

Para a história da freguesia Proprietários de há 65 anos

(CONTINUAÇÃO)

Remoães — António Júlio Esteves, pagava três vinténs; João dos Santos Domingues, um tostão; Manuel Joaquim de Sousa, meio tostão; o morgado velho do Pombal, António Cândido de Sousa e Castro Morais Sarmiento, e António de Sousa e Castro, 160 reis cada; João Manuel Fernandes e João Baptista Fernandes, três vinténs cada; Joana Vaz, uma croa; a viúva de José Maria de Sousa Pinto, dois tostões e Bernardo António Gomes de Sousa e Castro, de Gondomar, 780 reis.

Não havia aqui mais proprietários além dos já mencionados.

Havia, porém, aqui muitas pessoas que possuíam propriedades noutras freguesias. Assim, em Rouças tinham propriedades: António Valeriano, de Bouça Nova, José Caetano de Sousa, de Malhãgrilhos, D. Geneviva Augusta Esteves, P.e Claudino de Sousa Palhares, Manuel Pereira de Castro, Frutuoso Joaquim de Castro, José António Dantas e P.e Luiz Manuel Monteiro, dos Leiros, pelas quais pagavam, respectivamente, 30, 50, 100, 200, 120, 140 e 300 reis.

(CONTINUA)

Concurso pecuário — Doente — Outras notícias.

Concorreram bastantes espécimens ao concurso de ovinos realizado aqui no pretérito dia 12. O júri, que era constituído pelo agente da pecuária deste distrito e pelos membros da Junta desta freguesia, atribuiu os seguintes prémios pecuniários:

1.a Secção — 1.º e 2.º prémios, respectivamente, de 40 e 20\$00, a António Bento Domingues.

2.a Secção — 1.º e 2.º prémios — 30 e 20\$00 — respectivamente, a dr. António Cândido Esteves e a António Bento Domingues.

3.a Secção — 1.º e 2.º prémios — 30 e 25\$00 — a António José Rodrigues e Ramiro Sousa Mendes.

4.a Secção — 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º prémios, — 35, 30, 25, 20 e 15\$00 — respectivamente — a Ramiro Mendes, Olinda Domingues, José António Baptista, José Domingues e Idem.

5.a Secção — 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º prémios — 30, 25, 20, 16, 14, 12 e 10\$00 — respectivamente, a Augusto de Oliveira, Joaquim Barreiros, Albertina Rodrigues da Silva, José António Baptista, José Domingues, José António Baptista e Ramiro Mendes.

6.a Secção — 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º prémios — 20, 17, 14, 12, 10 e 10\$00 — respectivamente, a Hildio Pinheiro, Cláudio de Sousa Lobato, José Gonçalves, Américo Gonçalves, Joaquim Barreiros e José Domingues.

Estas iniciativas são muito de louvar, porquanto constituem um poderoso estímulo para os criadores de gado. Pena é, porém, não se realizarem mais frequentemente e não torná-los extensivos a outras espécies.

— Passa bastante doente o nosso particular amigo e consagrado industrial de alfaiataria sr. José Eugénio Gonçalves Pereira, a quem desejo ver pronto e completamente restabelecido de sua enfermidade.

— Com sua Ex.ma filha, encontra-se a veranear nesta freguesia o sr. major (Manuel Ricardo Guerreiro, de Lisboa).

— De visita ao sr. António Perfeito Soares, estiveram aqui no passado dia 12 os srs. Aníbal Carneira Rodrigues e Mário dos Santos Carricheiro, benquistos comerciantes na Capital.

— Também aqui se encontra a sra. D. Isolina Rodrigues Gomes Nora.

(Continua na 4.a pág.)

Nossa Senhora de Fátima em Melgaço

(Continuação da 1.ª pag.)

ralmente cheia. Eram as 3 da madrugada.

Principiaram as comunhões que muito surpreenderam toda a gente que não tenha sobre as pálpebras demasiado peso que impeça a abertura dos olhos de qualquer que se ja. Umás seiscentas, neste templo.

Continuam a celebrar-se missas até às 9 horas sempre com grande com coriência, ficando um religioso para celebrar mais tarde a fim de poder com sagrar mais partículas caso fosse necessário. Foi o que com muito prazer se cedeu.

Manhã de 28

Às 8,30 horas segue a Imagem para a Praça da República, e pouco depois começam a chegar osromeiros do concelho que, em grande número entram pela ordem seguinte: primeiro os de Rouças que, além das cruzadas, traziam as juventudes masculina e feminina com os respectivos estandartes que muito embelezavam.

A seguir vêm a freguesia de Prado com grande número de cruzados; depois é Cubalhão que aparece, trazendo além de cruzados, muito povo; se guem reunidas, rezando as freguesias de Paços e Cristóval e trazem bastantes cruzados e muito povo; segue a freguesia de Chaviães com seus cruzados e juventude; vem agora a freguesia de Parada do Monte que, além dos cruzados apresenta a juventude com o seu estandarte; a seguir vem Fíães com os cruzados e a bandeira de S. Bento; é agora que entra a freguesia de Cousso com muitos cruzados e muito povo; faz a sua entrada a freguesia de S. Paio com os cruzados e muito povo; vem a freguesia de Alvaredo com os seus cruzados, e por último a de Castro Laboreiro com os cruzados, mas então com uma quantidade enorme de povo.

Às 9 principia a missa da comunhão de que é celebrante S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Bispo Coadjutor da Guarda, finda a qual o alto falante deu ordem para abrir filas na Praça,

o que não se conseguiu sem grande dificuldade, tal era a aglomeração de povo.

Vários sacerdotes distribuíram o Pão dos Anjos a 2.700 pessoas.

Missa dos doentes

Segue depois a missa dos doentes celebrada pelo nosso F. Adriano. E agora sabem V. Ex.ªs qual foi o número dos que durante a manhã se acercaram da Sagrada Mesa?

Fornecido pelo Rev.º P.º Justino Domingues, actual pároco da vila, esse número elevou-se a cerca de 3.500.

Foi pena se não cantasse a missa dos Anjos.

Foi pena! Todo o concelho, tal vez dos poucos, a tinha no programa.

Mas a hora ia adiantadíssima.

Era preciso terminar. O nosso frei Adriano celebra o santo sacrifício. A praça estava com nunca se tinha visto em actos iguais.

O próprio Congresso Eucarístico não trouxe aqui tanta gente.

E a santa missa vai se guindo.

E o povo canta, reza, chora.

Vem chegando a hora da partida...

Não deixam a veneranda Imagem.

Tocam-lhe objectos, dão-se ofertas e chora-se.

O Sr. Bispo Coadj. da Guarda dá a bênção aos doentinhos. (Eram bastantes).

O Sr. P. Veloso, de Braga, faz as invocações com aquele sentimento fino, com que dirigiu a missa dos pequeninos e comunhão geral.

Vimos gente a soluçar diante do S. Sacramento.

Todos cantam o Tantum Ergo.

Tudo canta o Queremos Deus!

E' um dos espectáculos arrebatadores.

O Sr. Bispo fala, louva, põe sobretudo em realce a bela jornada eucarística da manhã, de tantos milhares de fiéis e pede que não esqueçamos o que

GRAÇAS A DEUS

Terminaram já as homenagens do concelho à Virgem Senhora de Fátima.

Foram jornadas altas de fé, de amor!

Todo o concelho vibrou!

Creio que todos os melgasenses, todos, aclamaram a Senhora na viagem triunfal.

Nunca vimos tanto povo em Melgaço, em solenidades religiosas!

E o respeito, a fé, a devoção!

Era a Imagem da Mãe que passava!

Três mil e quinhentas comunhões.

Doze sacerdotes, que tiveram de vir ajudar os rev.ºs párocos do concelho

Triduos e missões em quase todas as freguesias.

Verdadeiras desobrigas em algumas delas!

Crianças e povo que correram de Parada, Cousso, Penso, Cristóval, etc. etc. para comungar às 11 horas do dia 28.

Nunca se viu isto, nestas proporções em Melgaço. Passou a Imagem querida da Senhora. E com Ela as suas pombinhas...

E nunca mais voltará certamente.

Melgasenses! Depois do que todos fizemos, todos, sacrificios, despesas, dedicações, preito de homenagem, depois de tudo, digamos: *Graças a Deus.*

significa a passagem da Senhora.

Adeus

Parece nos que o povo aumentou mais ainda para esta cerimónia.

Agitam-se lenços. Frei Mesquita, antes, dirige ao público, algumas palavras. Frei Mesquita fica-nos no coração.

O Sr. Bispo fala. E a Senhora vai deixar Melgaço.

Quase se não acreditava.

Lenços, muitos lenços brancos, lágrimas, quem há que não se comova e chore?

E os fiéis, em multidão nunca vista aqui, acompanhama Senhora pela Calçada à Loja Nova.

E chora-se Adeus N.ª Senhora de Fátima!

É riqueza Nacional o salmão do rio Minho

I

Desde pequenino me habituei a ouvir falar do salmão do Minho pela raridade do seu aparecimento e pela avultada soma económica por que se adquire: raro, muito raro na pesca, e quase desaparecido da mesa que não seja opulenta.

Mais tarde, admiramos páginas coloridas de revistas ilustradas com o belo peixe ou sentimo-nos preso de lindas filmagens do salmão em regiões nórdicas ou do norte de Espanha.

De ano para ano, aumentando a estíma pela riqueza que podia haver no nosso rio Minho, verifico que diminui o salmão, e a pesca é quase sempre ingrata. Urge, no entanto, enfrentar o problema.

O coronel Ricardo Durão que não é minhoto nem deputado por esta região, mas que, supomos, foi um dos últimos comandantes do Regimento de Artilharia 5, aquartelado em Viana do Castelo, onde se afirmou pela nobreza de seu comando e justiça de suas mãos, levantou há meses o problema do salmão no rio Minho e chamou, para ele, a atenção do governo, através da Assembleia Nacional.

Parece-nos que não foi secundado pelos colegas, nesta sua tão feliz como oportuna iniciativa.

O diário de Lisboa «O Século» cujos artigos de fundo marcam uma posição destacada na vida nacional, não se esqueceu de tomar sobre si esta magna questão e em artigo que intitulou «Uma riqueza na Agonia» escreveu:

«O facto desolador é este: a riqueza piscícola dos rios e águas interiores portugueses está a sumir-se. E, de duas uma: ou se lhe acode sem demora, com medidas energicas capazes de obstar ao desaparecimento total das espécies mais raras, mais apreciadas e mais exigentes, e salvar-se-á um elemento precioso da economia geral e local, ou se fica de braços cruzados e o desleixo, a incuria e a selvajaria sem freio tudo levarão dentro em pouco. São as pessoas competentes que o afirmam. E não lhes faltam nem motivos fortes nem razões convincentes para isso.

O caso do salmão, em especial, é típico. Salvo os anos a seguir áquelles em que foram feitos repovoamentos nas águas do rio Minho, o mais propício para a vida dessa espécie tão bela e já tão rara, a sua pesca tem vindo a descrecer constantemente.

«Do rio Lima e do rio Cávado, onde não era raro, aqui há anos, aparecerem belos exemplares de salmão, há muito que não se pesca um único desses peixes».

«Mas no rio Minho não há apenas o salmão, embora seja esse peixe o mais perseguido por ser o de maior valor. Há também oável. A média geral das unidades desse peixe pescadas até 1920 foi de 62.581. Pois de 1940 para cá, pondo de lado períodos oscilantes de abundância e de escassez, a queda tem sido vertical. Em consequência dela, a economia da região encontra-se arrasada e não tardará que a miséria bata à porta da gente que a habita. Quanto às outras variedades piscícolas de somenos valor, o desastre não é menos sensível. Quanto à lampreia, parece ser essa a espécie mais poupada por uma crise implacável, a que não se tem procurado pôr termo, embora as suas causas não constituam mistério. Mas, nos últimos três anos, a pesca desse tão apreciado componente da fauna marítima e fluvial tem baixado de tal modo que todos os prognósticos pessimistas são justificadíssimos».

Embora escasseem os elementos necessários de informação para um julgamento objectivo, do maior rigor estatístico, a verdade é que o grito de alarme do coronel Ricardo Durão e estas cores bem fortes do articulista de «O Século» são de extrema gravidade e de uma exactidão a toda a prova.

Algumas vezes na mesma sala de jantar do Hotel de S. Luzia — tão necessário à vida turística da cidade de Viana que não pode estar encerrado um só dia, e agora totalmente fechado — estiveram o Sr. Pereira da Rosa, director de «O Século» e o autor deste artigo. O amor de Sua Ex.ªcia àquella região nortenha é excepcional e merecedor de gratidão e de estima. Talvez por isso, o Director de «O Século» quisesse provocar — e muito bem — o alarme das autoridades para um caso de singular importância na vida económica do Minho e da Nação.

Oxalá as autoridades o secundem, porque há «Uma riqueza na Agonia» e que urge salvar.

Efemérides

Em 2 de Setembro de 1752, o rev. António do Ramo Calheiros, vigário de Santa Cegúinha, por escritura lavrada na nota do tabelião Jorge Gomes, contraiu a Confraria do SS. Sacramento da Vila um empréstimo de 30.000 reis. Deu por fiador Francisco do Ramo, da Vila.

Em 3 de Setembro de 1885, o «Diário do Governo» inseriu um decreto pelo qual José Cândido Gomes de Abreu era reconduzido no cargo de 2.º substituto do juiz de Direito desta comarca.

Em 3 de Setembro de 1903, reorganizada e sob a regência de Rafael Paulo Fernandes, reapareceu a público a «Música Velha».

Em 4 de Setembro de 1729, faleceu em S. Paio o rev. Francisco Rodrigues.

Em 7 de Setembro de 1838, na romaria da Peneda, numa desordem, motivada ao que parece por uma questão de «cães e rapazes», Tomás Joaquim Codeço, o famigerado Tomás das Quingostas, matou com um tiro de clavinia João Cerqueira, o «Amarelo», da Gavieira, um dos melhores jogadores de pau do seu tempo. Esta desordem começou em frente da antiga capela, que ficava, mais ou menos, ao centro do actual terreiro, e terminou no sítio que hoje denominamos Largo do Pretório, onde o valente João Amarelo foi assassinado.

Ninguém se pôde chegar ao pé da vítima. Somente a viúva e aos filhos da mesma o Tomás consentiu que velassem o cadáver até ao dia seguinte, em que foi enterrada no próprio local do crime.

Diz o Evangelho (Mat. XXVI-52) quem a ferro mata a ferro morre. É uma verdade.

De facto, menos de cinco meses depois, o Tomás foi também assassinado, a tiro, na Ponte de Alote, pela escolta militar que pouco antes o capturara no estabelecimento de Policarpo José de Fontes, do Lugar do Cruzeiro.

A título de curiosidade, acrescentarei que há dois anos ainda viviam na Gavieira dois bisnetos do tal João Amarelo, o Manuel Alves Cerqueira, de 82 anos, e o primo deste, Manuel José Vieites, de 74 anos. Se ainda são vivos, que Deus os conserve por muitos anos e bons.

Em 8 de Setembro de 1906, pelas 4 horas da tarde, desencadeou-se sobre Melgaço uma pavorosa trovoadas que causou estragos consideráveis, destruindo casas, moinhos, campos, vinhas, pontes etc.

Os estragos maiores foram causados pelas águas do regato de Bulegães, cujas enxurradas destruíram por completo a ponte do Pombal, Rio do Porão de Cima, e danificaram muitíssimo a Ponte de Baixo; arrasaram também por completo a padaria «Flor do Minho», de António Rodrigues, o «Graixa», que ficava situada no Rio do Porão de Baixo, no sítio onde agora está uma vinha pertencente a D. Deolinda Pereira; e deixou o moinho de D. Maria da Nazaré Esteves tão arruinado que só vinte anos depois foi reconstruído pelo sr. João da Cunha Moraes.

A Ponte de Cima foi logo, a seguir reconstruída e o que mais espanta é que ainda desta vez o engenheiro (?) que orientou aquelas obras teimasse em a deixar torcida, uma autêntica ratoeira.

Também a título de curiosidade, acrescentarei que a primeira pessoa a transpor a nova ponte foi o sr. dr. Augusto César Esteves, então ainda rapaz.



LXX - Santa Maria da Porta

(CONCLUSÃO)

A fis 40 V.o-41 do dito Livro das Datas de Fiães aparece nos uma escritura de 1 de Abril de 1190, duplicado de outra que tem o princípio a fis. 2 V.o e continuação a fis. 12 do mesmo livro no estado mal compilado em que o encadernavam, que versa sobre uma doação feita a Fiães por Salva dor Ferreiro e sua mulher D. Eldonça de uma vinha junta a Barbosa e de uma casa que está situada junto à Igreja do burgo de Melgaço.

Havia, pois, Igreja em Melgaço em 1190, mas não posso saber se ainda se tratava da antiga cujo melhoramento era continua aspiração da vizinhança ou se já seria a nova cuja obra foi cometida ao arcebispo de Valadares, Garcia Nunes, da família do célebre D. Afonso Pais uma das mais importantes da região no século XII.

Este Afonso Pais já é nosso conhecido pelas suas liberalidades para com o mosteiro de Fiães. E' ainda de uma escritura da sua doação para com aquele mosteiro que vemos descrever o seu parentesco com o arcebispo do antigo termo de Valadares, cargo que hoje corresponde ao de arcebispo. Um documento do referido Livro das Datas, a fis. 13 V.o-14, repetido a fis. 41-41 V.o, testemunha nos uma doação de Afonso Pais e sua irmã para com o Abade João e convento de Fiães em 4 de Outubro de 1165. Trata-se nada mais nada menos do que da quinta de S. Cibrão, antiga S. Cipriano, ali em Penso. Traduzamos do documento: «Afonso Pais juntamente com meus irmãos e minhas irmãs... a vós

D. João abade de Fiães e vosso convento fazemos carta de doação e texto allgavel da nossa herdade própria que temos por parte de nossos avós, a saber, daquela Igreja de São Cipriano fundada na margem do Minho. A vós a damos e concedemos com seus termos e lugares, com entradas e saídas, com todas as suas pertenças, isto é, com toda aquela construção que o nosso consobriño arcebispo Garcia Nunes deve possuir em sua vida...»

Este arcebispo Garcia aparece nos documentos de Fiães desde 1165 a 1190. Pelo apelido Nunes está-me parecendo que fosse filho do seu antecessor, o arcebispo Nuno Modelos que aparece nos mesmos documentos desde 1142 até 1164.

Já que falamos dos arcebispos de Valadares, vejamos quais os outros que nos aparecem nos documentos de Fiães: Fernando em 1192, Mestre-escola (de Tul) de 1194 a 1198, Pedro Pais de 1217 a 1231, João Rapoula em 1233, mestre Lucas (depois bispo de Tul, historiador) em 1237 e João Garcia de 1243 a 1246. Não há documentos de todos os anos, e nem todos mencionam o arcebispo.

O supradito arcebispo Nuno Modelos já tinha concedido a Fiães em 15 de Março de 1164 a título de direito hereditário perpetuo a dizimaria de S. Cipriano até ao Minho (fis. 14 V.o).

Em 1185 o arcebispo Garcia Nunes trocou com Fiães os edifícios de S. Cipriano que os fiães lhe reservaram na escritura de 1165, de que atrás fiz menção, por uma herdade que o mosteiro tinha em Cava

PRADO, 25

(Continuação da 2ª pag.)

— Está para Oeiras, onde foi levar (seus irmãos para a Colónia Balnear dos filhos dos sargentos e praças da Armada, a menina Maria Carolina Gomes de Sousa.

— Regressou a Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. António Perfeito Soares, probro comerciante naquela cidade.

— A gozar as férias judiciais, acha-se entre nós o sr. José Pinheiro Calheiros, muito digno escrivão do tribunal de Vila Franca de Xira.

— Acompanhado de seu pai e de sua esposa, acaba de chegar a esta freguesia o sr. Manuel José Solheiro de Oliveira, considerado capitalista da Capital.

— Com sua netinha, está para Vila Praia de Ancora a sr. Maria Soares, do Buraco.

— Tive o prazer de cumprimentar aqui o sr. Carlos Presperi Raquel, funcionário aposentado do Arsenal de Lisboa. Está a uso das nossas águas, e entre várias, foi-me grato o dizer-me que o ano passado chegou aqui muito atacado da diabetes e que presentemente não tem quaisquer vestígios do terrível mal; mas que isso o não impede a que todos os anos, enquanto Deus lhe der vida e saúde, de vir fazer a sua romagem a Melgaço — terra de encantos e primores, disse. — C.

S. Paio, 22

(Continuação da 2ª pag.)

lo, enfermeiro do Hospital da Panasqueira, que veio passar alguns dias com a sua família.

— No passado dia 18, e com o fim de assistir à grandiosa homenagem arquiocesana ao Senhor Arcebispo Primaz, deslocaram-se a Braga vários conterrâneos.

— Até esta data ainda não apareceram os assassinos do infeliz Ismael Augusto Baptista, da Ponte, que no passado dia 28, cerca das 9 horas, foi morto à paulada e calcado aos pés, junto da fonte do lugar do Paço.

— Lavra grande entusiasmos em toda a freguesia pela vinda de Nossa Senhora do Rosário de Fátima a Melgaço. Certamente poucas pessoas vão ficar em casa nos próximos dias 27 e 28 Nossa Senhora abençoe este bom povo e afaste os olhos deste rincão do Portugal de Santa Maria.

— Foi para o Gerez o sr. P.e Manuel Joaquim Domingues, da Carpinteira. Desejamos-lhe boa saúde e feliz regresso. — C.

— O velho e belo fóro anual de dois maravedis que lhe deviam dar anualmente em 1 de Janeiro, fazendo ainda a reserva de poder durante a sua vida ir repousar naqueles edifícios como era seu costume e ainda com a obrigação para o mosteiro de dar anualmente, de depois da sua morte, uma capa de frade ao seu protegido chamado Afonso se fosse clérigo (fis. 14 V.o).

Em 1205, no primeiro de Abril, foi feito um contrato entre o Abade Domingos de Fiães com seu convento e André Garcia, filho reconhecido do arcebispo Garcia Nunes, tendo por objecto a igreja de Melgaço, contrato que foi dito do pelo mesmo arcebispo nestes termos que traduzo: «...que o mesmo André me sirva a mim Garcia Nunes com a mesma igreja como eu entender durante a minha vida, e depois da minha morte o mesmo André durante a sua vida possua a vonta e a dita igreja de Melgaço que está edificada junto à porta da mesma vila, e cada ano, no dia da ceda do Senhor, dê por minha alma oito soldos ao refeitório de Santa Maria de Fiães, e depois da morte do mesmo André reverta a dita igreja totalmente, sem qual quer reserva, ao mosteiro de Fiães...» (Fis. 95-95 V.o).

Este André Garcia deverá ser o pároco D. André que tem temunha duas escrituras da Orada, uma em 1240 (fis. 31-31 V.o) e outra em 1241 (fis. 29).

As referências tiradas do documentário de Fiães fazem ver ao historiador a razão porque a Igreja de Melgaço dependia de Fiães que ainda nos fins do século XVII apresentava o pároco alternadamente com a Casa de Bragança, como informa o P.e Carvalho da Costa.

Bernardo Pinto